

**Câmara Cascudo e o folclore:
uma via para o descobrimento do Brasil**

Joana Cavalcanti de Abreu

Luís da Câmara Cascudo (1898-1986) é hoje conhecido como um dos maiores folcloristas do Brasil. Com mais de 150 obras publicadas, seus escritos voltaram-se aos mais diversos assuntos, como biografias, memórias, medicina, direito e história. No entanto, a maior parte dessa extensa produção esteve vinculada ao estudo do folclore e da cultura popular brasileira, assuntos a que Cascudo se dedicou intensamente ao longo da vida.

Este artigo enfoca a relação de Câmara Cascudo com o estudo do folclore e procura compreender como o folclore constituiu para este autor uma importante via para o descobrimento do Brasil, no sentido de busca de uma identidade brasileira. Busca esta que caracterizou os esforços de uma ampla gama de intelectuais brasileiros que, em diferentes momentos, estiveram recorrente e intensamente empenhados na definição de uma identidade brasileira, os modernos descobridores do Brasil¹.

A análise aqui empreendida parte essencialmente do livro *Folclore do Brasil (pesquisas e notas)*², escrito em 1964 e editado em 1967. Esta obra trata de aspectos folclóricos variados, reunindo e sintetizando temas já explorados pelo autor em obras anteriores, como *Geografia os Mitos Brasileiros*, *História da Alimentação no Brasil* e *Dicionário do Folclore Brasileiro*.

Segundo o próprio autor, seu objetivo em *Folclore do Brasil* foi caracterizar “os elementos essenciais para uma visão do panorama folclórico brasileiro”³. Os dez capítulos que integram a obra percorrem danças, festas, comidas, cuidados medicinais, lendas e contos do Brasil. Os capítulos intitulam-se, respectivamente, “Cultura popular e folclore”, “Festas tradicionais, folguedos e bailes”, “Era uma vez...”, “Bebidas e

¹ NEVES, Margarida de Souza e. *Roteiros e descobrimentos: Luis da Câmara Cascudo e os “descobrimientos do Brasil”*. Mimeo, Puc-Rio – Departamento de História, 1998.

² CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil (pesquisas e notas)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.

alimentos populares”, “Visagens e assombrações”, “Dança, Brasil!”, “Capoeira”, “No tempo de murici...”, “Banhos de cheiro” e “Informação indispensável”.

Durante este trajeto, Câmara Cascudo apresenta claramente não só o que entende por folclore e a importância que atribuiu a esse estudo, mas também o caminho metodológico e o enfoque priorizados por ele no tratamento desse objeto. Ao longo de todo livro, sobressaem dois aspectos característicos de seu enfoque: a importância atribuída à pesquisa das origens, o que alimenta sua intensa dedicação ao percurso que as tradições desenvolveram anteriormente tanto no tempo quanto no espaço; e a importância atribuída à convivência cotidiana com os elementos estudados.

Logo no início do livro, Cascudo define o folclore como um *patrimônio de tradições* que é transmitido oralmente e é conservado pelo costume. Um patrimônio que estaria presente em todos os países e em variados agrupamentos sociais:

“Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais.

Esse patrimônio é o FOLCLORE. *Folk*, povo, nação, família, parentalha. *Lore*, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediatista do conhecimento.”⁴

Cascudo apresenta ainda o vínculo entre o folclore e o popular. Ele ressalta, contudo, que este não é o único fator a definir um fato folclórico. Para uma ação ser reconhecida como folclórica, ela deve se caracterizar por quatro elementos: antiguidade, anonimato, divulgação e persistência.

“O folclore é o popular, mas nem todo popular é folclore. A Sociedade Brasileira de Folk-Lore (1941) fixou as características do conto, a *estória*, como teve a inicial coragem de usar em 1942, e que coincidem com o fato folclórico: a) Antiguidade/ b) Anonimato/ c) Divulgação/ d) Persistência.”⁵

³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.249.

⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.9.

⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.13.

Dessa maneira, na visão de Câmara Cascudo, o folclore aparece fortemente vinculado a três instâncias: ao popular, a uma ampla abrangência dentro de determinada sociedade e à continuidade temporal, sendo simultaneamente antigo e persistente, porque, com origens remotas, se mantém extraordinariamente vivo ao longo dos anos.

Ainda que o folclore não se defina apenas por seu caráter popular, a relação estreita que estabelece com o povo é essencial. No entendimento desse folclorista, é sobretudo por seu caráter popular que o folclore é também permanência e continuidade. Citando Cláudio Bastos, por exemplo, Cascudo afirma que o “povo é um clássico que sobrevive” (p.18). Povo é, para Câmara Cascudo, aquele que conserva as próprias tradições:

“No campo ergológico o povo conserva o seu patrimônio tracional, móveis e utensílios nos formatos antiquados que muito lentamente vão sendo mudados. (...) é todo um mundo ainda defendido, quanto possível em quinhentos anos de fidelidade inabalável.”⁶

Em outra passagem, ele escreve:

“O folclore sendo uma cultura do povo é uma cultura viva, útil, diária, natural. (...) Como o povo tem senso utilitário em nível muito alto, as coisas que vão sendo substituídas por outras mais eficientes e cômodas passam a circular mais lentamente, sem que de todo morram.”⁷

Cascudo explicita assim a relação entre folclore, elemento popular e continuidade. Em *Folclore do Brasil*, enfatiza constantemente a continuidade de tradições, chegando a afirmar que nós "somos, em alta percentagem, uma continuidade com raras mutações"⁸. A continuidade temporal representa o principal enfoque a partir do qual Cascudo analisa os temas folclóricos, buscando suas origens e traçando o roteiro que eles percorreram no tempo e no espaço.

Logo adiante Cascudo explicita outra relação envolvida no folclore. Além das noções de elemento popular e continuidade, emergem agora as noções de autenticidade e nacionalidade. Ao explicar o processo de incorporação de um motivo pelo folclore, de “reajustamento para o folclórico”, Cascudo escreve:

⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.16.

⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.12.

⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p. 17.

“...somente o tempo, dando-lhe a pátina da autenticidade a fará folclórica. A autenticidade é o resumo constante e sutil das colaborações anônimas e concorrentes para sua integração na psicologia coletiva nacional”⁹.

Com relação ao vínculo entre o folclore e o nacional vale ainda ressaltar a seguinte passagem:

“Por isso o folclore é um fator preponderante na unidade emocional brasileira, incessante e poderoso na força de aproximação, intimidade, sentimento, fusão psicológica, ternura lírica, vibração moral. O idioma não é um vínculo permanente de coesão. Exemplo irresponsável nos povos de língua árabe, alemã, castelhana, aqueles na África e Europa, estes na América. Nem os próprios elementos étnicos, partindo, para nós, do indígena, que o jesuíta afirmava ser o *animal mais raro e inconstruível que Deus criou*. Um fundamento de constante coesão é a cultura tradicional, legítima, radicular, sentida, vivida pelo povo.”¹⁰

Por relacionar-se ao popular e, assim, conservando-se “na medida do possível”, o folclore parece ser revelador das “continuidades” que “nos fazem”, e fundamental para a “unidade emocional brasileira”. Está presente em nossa identidade, revelador de nós mesmos, de nossas origens e filiações.

Para Câmara Cascudo, nós somos formados pela convergência de diversas tradições de origens remotas. São essas tradições e suas origens que ele irá focar ao longo de todo o livro. Por um lado, ele mostra que elas estão relacionadas a padrões universais ou largamente difundidos entre diferentes povos. Por outro lado, no Brasil, a convergência de tradições é sobretudo a convergência das tradições presentes em cada uma dessas três culturas: a indígena, a negra e a portuguesa, sem deixar, no entanto, de hierarquizá-las. Cascudo reelabora assim o mito das três raças, que, desde o século XIX, esteve vinculado à busca de caracterização da identidade brasileira.

A partir deste duplo enfoque, Cascudo apresenta os diversos temas folclóricos. No segundo capítulo, intitulado “Festas tradicionais, folguedos e bailes”, Cascudo descreve autos de natal, fandangos, a chegança, as congadas, o pastoril, a festa do Divino e a vaquejada. Estas seriam festas portuguesas que chegaram ao Brasil e sofreram

⁹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.14.

¹⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.128.

mudanças a partir da incorporação de elementos indígenas e negros. Diante destas festas e folguedos, Cascudo procura rastrear suas origens no tempo e no espaço, respondendo a questões como: de onde vieram essas tradições, por que regiões geográficas passaram até chegar ao Brasil, quais as mudanças que sofreram ao longo desse caminho em seus significados, por que regiões do Brasil elas se espalharam e quais as diferenças existentes entre elas em cada uma dessas regiões.

Assim, a festa de São João no Brasil, por exemplo, possui elementos que Cascudo não remete apenas a Portugal, buscando suas origens ainda mais remotas: “Os portugueses trouxeram da China, na segunda metade do século XVI, os foguetes, petardos, bombas, as bichas-de-rarbear, que se divulgaram em Portugal...No Brasil espalhou-se o costume em finais do século XVIII”¹¹.

Também no terceiro capítulo “Era uma vez...”, sobre contos populares, estão presentes a preocupação com a origem e com a transmissão dos contos e a idéia de convergência de motivos. “Como um caçador”, Câmara Cascudo rastreia os contos “através dos continentes e do tempo”. Na busca da convergência de motivos, torna-se clara a noção de universalidade de muitas tradições populares:

“Esses contos, tão variados e complexos, desde a inclusão do aspecto maravilhoso e cômico, pertencem, de modo geral, ao patrimônio de todos os povos da terra e são convergentes de soluções encontradas nas culturas mais distantes. Os contos nativos, próprios, típicos, são raríssimos. (...) Cada conto é uma foz onde chegam as águas de rios incontáveis. Esse processo exigiu séculos e séculos e a sua transmissão vez por outra aparece como um problema.”¹²

Ou ainda:

“Lenda, de legenda, legere, afirma a origem letrada do processo mas o povo conserva a faculdade criadora nos seus próprios assombros. Rara será uma delas que não terá semelhanças noutras paragens do mundo.”¹³

Cascudo expõe sua divisão do conto popular: contos de encantamento, contos de exemplo, contos de animais, contos religiosos, contos etiológicos, contos de adivinhação, contos acumulativos, natureza denunciante, demônio logrado, ciclo da morte, contos sem

¹¹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.29.

¹² CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.59.

¹³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.89.

fim. Narra então um conto de cada divisão, afirmando antes que “todos foram lidos ou maiormente ouvidos e registados no Brasil”¹⁴. Mas, em cada seção, após a narrativa do conto, Cascudo diz de quem ouviu a história e enumera uma série de livros, de diversas nacionalidades, onde podem ser encontradas diferentes versões do mesmo conto.

Neste capítulo, Cascudo expressa também a admiração por encontrar temas eruditos entre gente do povo:

“Quase todos os livros publicados no assunto registram as variantes da estória que são os rastros na quarta dimensão, no tempo. Impressionante é que uma velha humilde e analfabeta, vivendo e morrendo em uma limitadíssima área geográfica, soubesse contar estórias que vieram da Índia, pela Pérsia, e divulgada pelos árabes, pelas edições em latim, estórias quase íntegras, apenas com a deformação que o ambiente determina para a sua adaptação compreensiva.

Luísa Freire, “a velha Bibi”, ama em nossa casa estava nesse nível. Publiquei um volume inteiro (*Trinta estórias brasileiras*, Porto, 1959) ouvindo-a narrar o que lera nos livros eruditos, de minha parte assombrado pelos milagres daquela jornada pelos continentes e séculos.”¹⁵

Em outras passagens retorna às estórias que ouviu de Bibi, com espanto de chegar a Cícero e de poder ver aproximadas classes sociais distintantes:

“E de Cícero, Fedro terminou na retentova memorial da velha Bibi, que morreu sem aprender a ler.”¹⁶

“Meu pai e a velha Bibi jamais leram essas fontes mas a estorieta estava no repertório de ambos, na distância social e letrada que havia entre senhor e empregada.”¹⁷

Em “Visagens e assombrações”, Cascudo constrói uma rica metáfora, a partir da qual expressa a relação entre cultura popular e cultura letrada:

“Em qualquer corte geológico encontramos o basalto fundido, inicial, seguindo-se o basalto sólido; o granito subsequente e, ao final, à superfície do solo, os depósitos sedimentares. Esses mitos do pavor constituem o basalto das crenças do povo em qualquer paragem do mundo. No princípio não se explica o fenômeno ameaçador, teme-se. *Timor deorum origo*, de Petrônio, Lucrécio, Estácio. As aquisições sistemáticas, obtidas nos cursos primário, secundário, universitário, funcionam como o granito, a informação orientadora, oficial, comum, indispensável, estabelecendo a unidade regular e normativa da cultura ‘nacional’. As

¹⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.61.

¹⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.60.

¹⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.73.

¹⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.93.

leituras, metódicas ou tumultuosas, viagens, intercâmbios, atividades da inteligência individual, as iniciativas mentais, valem os depósitos sedimentares, constantemente resolvidos pela renovação do conhecimento. É o esquema da geologia geral de nossa percepção.”¹⁸

A cultura popular é assim uma aquisição comum e primeira à qual aos poucos acrescenta-se a cultura letrada, diferenciadora. A cultura popular constitui então um fundo comum não só no interior de um mesmo povo, mas também entre diferentes culturas. Daí a universalidade que Cascudo atribui a muitos de seus aspectos, como, por exemplo, os mitos de assombração:

“As diferenciações da cultura, entre os homens isolados e os grupos coletivos, estão no derradeiro grau, no mais alto nível da pirâmide. Descendo, ampliando-se a base demográfica, até alcançar o alicerce basáltico dos sedimentos primários do homem, todos os povos têm, mais ou menos, as mesmas reações em face aos idênticos motivos provocadores.”¹⁹

Para Câmara Cascudo, a cultura é formada pelo folclore e pela cultura letrada. Os dois lados de nossa cultura, longe de se oporem, se complementam, nos definem e caracterizam nossa vida mental:

“Nascemos e vivemos mergulhados na cultura da nossa família. Dos amigos, das relações mais contínuas e íntimas, do nosso mundo afetivo. O outro lado da cultura (cultura, fórmula aquisitiva de técnicas, e não sinônimo de civilização) é a escola, a universidade, bibliotecas, especializações, o currículo profissional, contatos com os grupos e entidades eruditas e que determinam vocabulário e exercício mental diversos do vivido habitualmente. Vivem, numa coexistência harmônica e permanente, as duas forças de nossa vida mental. Non adversa, sed diversa. Potências de incalculável projeção em nós mesmos, o folclore e a cultura letrada, oficial, indispensável, espécie de língua geral para o intercâmbio natural dos níveis da necessidade social”²⁰.

No capítulo final, “Informação dispensável”, Cascudo explicita seu método: a convivência com os elementos analisados ou com informantes populares. Convivência que diz respeito sobretudo à vivência cotidiana, mais do que à experimentação e observação esporádicas, propiciadas por viagens, por exemplo. Após pequeno relato

¹⁸ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.125.

¹⁹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.125.

²⁰ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.18.

autobiográfico em que escreve sobre sua infância no Sertão e relembra Natal dos anos 30, Cascudo diz:

“Com essas reminiscências quero explicar que não encontrei o folclore nos livros e nas viagens. Não o estudei depois de vê-lo valorizado pelo registro. Encontrava nele as estórias do meu pai e de minha mãe, da velha Bibi, dos pescadores, rendeiras e cantadores, familiares.”²¹

Neste sentido, não ter deixado o Rio Grande do Norte, ter continuado a morar em Natal, na “Província”, representa para Cascudo uma vantagem metodológica:

“Ter permanecido na Província, *provinciano incurável*, dizia-me Afrânio Peixoto, constituiu-me uma fonte de informação, na mesma autoridade das outras, com a vantagem de não poder ser enganado pela imaginação da burla, podendo confrontar as notícias no processo da equivalência.”²²

Dessa forma, as fontes bibliográficas diversas vezes citadas no livros (que apontam as mais variadas interlocuções, que vão desde de autores da literatura brasileira, como Machado de Assis, a clássicos como Petrônio, passando por folcloristas, cientistas sociais e viajantes) são apresentadas por Cascudo com uma importância bastante reduzida no processo de pesquisa, apenas coadjuvantes da “convivência”. Dessa maneira ele chega a afirmar que “O fundamento bibliográfico consta para evidenciar a importância do material exibido”²³. Afirmação que, por outro lado, evidencia a crença numa generalizada super-estimação das fontes escritas e eruditas em detrimento da oralidade popular.

Cascudo defende intensamente, tanto no capítulo inicial, como nesse último, a necessidade de estudos sérios dedicados ao folclore. Como já afirmara inicialmente, o folclore pode revelar muito aos seus pesquisadores:

“Quanto pode o folclore revelar ao sociólogo, ao pesquisador da psicologia coletiva, ao pré-historiador, as continuidades, variantes e constâncias de objetos e de hábitos miraculosamente mantidos...”²⁴.

²¹ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.248.

²² CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.248.

²³ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.249.

²⁴ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.17.

Mas desponta no livro o embate de Cascudo contra o preconceito de muitos intelectuais com relação ao folclore. Cascudo retoma essa valorização dos estudos de folclore, criticando a visão de certos letrados e educadores acerca do folclore:

“A necessidade de valorizar o estudo da cultura popular deveria orientar-se na evidência de sua utilidade indispensável. A impressão comum, entre letrados e educadores no exercício da orientação pedagógica, é que o folclore é um documentário de curiosidades. De exotismos e material plástico proporcionador de matutismos regionalismos, sobrevivências do falso interior, do falso roceiro, do inexistente tabaréu das revistas teatrais de outrora, farto, pascácio e lorpa. Sugere uma exposição de salvados resíduos, restos mortos de culturas defuntas, boiando inconscientes, à tona da memória coletiva.”²⁵

Ao citar algumas dificuldades encontradas no estudo do folclore, Cascudo critica não só essa “pseudo-erudição” que teima em desqualificar o folclore, como também a ausência dos estudos de folclore no currículo universitário. Enquanto ciência da cultura popular, o folclore deveria estar presente nas universidades:

“Prejudica o folclore a sua aparente facilidade, a humildade plebéia dos motivos pesquisados, sua ausência no currículo universitário. (...) A compreensão está limpando os horizontes deste nevoeiro da pseudo-erudição. A justificação é o próprio elogio do folclore, a ciência direta, desinteressada, antidemagógica, da cultura popular.”²⁶

Entrando nas universidades o estudo do folclore deixará de ser um improvisado descompromissado e terá o enfoque que merece, ajudando-nos a conhecer nossas tradições e aspectos da vida nacional:

“Assim, vemos a exclusão sistemática da cultura brasileira do currículo universitário, nas faculdades de filosofia e letras e dos próprios cursos de Jornalismo. O diplomado deverá improvisar conhecimento sempre que estiver olhando um elemento comum da vida tradicional. Técnico em tudo. Autodidata na cultura vulgar e secular, normal e diária, do seu país. (...) Mas nunca a curiosidade se limita ao plano material e sim ao encanto misterioso da origem. Por que isso é assim? Vezes o informador é um erudito, noutras disciplinas e para quem o Folclore é uma pilhéria, e dá resposta digna de gigante-de-pedra estremecer.

Estamos diante de fatos. É tempo de atendê-los, como merecem.

²⁵ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.251.

²⁶ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.17.

É indispensável lembrar que, no domínio da Cultura Popular, não há o direito de substituir a verdade pela imaginação...”²⁷.

A “utilidade indispensável” que Cascudo reconhece no folclore vincula-se sobretudo à sua relação com o nacional. O folclore é uma ciência da cultura popular e, enquanto ciência, deve estar presente nas universidades. Esta defesa da inclusão do folclore nas universidades foi bastante forte na década de 1960, quando diversos campos do conhecimento institucionalizaram-se e ganharam espaço no interior das universidades, como foi o caso das ciências sociais. No entanto, nesse sentido o folclore não foi bem sucedido²⁸. Ao defender essa idéia, contudo, Câmara Cascudo deixa claro o quanto de nossa vida nacional o folclore pode revelar aos seus pesquisadores.

Ao longo do livro *Folclore do Brasil*, a idéia de conservação e permanência é frequentemente associada ao povo. Por relacionar-se ao popular, conservando-se “na medida do possível”, o folclore revela continuidades formadoras da identidade brasileira. Além disso, visto por Cascudo como fundo comum e base da sociedade, ele é crucial na “unidade emocional brasileira”. Dessa maneira, para o autor, duas atitudes são essenciais diante do folclore: conviver com elementos do folclore no dia-a-dia e encarar seriamente seus estudos, levando-os para o interior das universidades. Compreendendo melhor o folclore, compreender-se-á melhor a vida nacional, as singularidades que a caracterizam, suas origens universais, as fusões das culturas indígena, negra e portuguesa e a convergência de inesperadas tradições por que é formada.

²⁷ CASCUDO, Luis da Câmara. *Folclore do Brasil(pesquisas e notas)*, p.252.

Bibliografia:

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

_____. *Folclore do Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1967.

_____. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia ; São Paulo: Ed. USP, 1984

_____. *História da alimentação no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1967.

_____. *História dos nossos gestos: uma pesquisa mímica do Brasil*. SP: Ed. Melhoramentos, 1976.

_____. *Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica*. Rio de Janeiro: FUNARTE/INL/Achiamé; Natal: UFRN, 1983.

_____. *Tradição, ciência do povo : Pesquisas na cultura popular do Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. *O tempo e eu: Confidências e proposições*. Natal: Imprensa Universitária, 1968.

MAMEDE, Zila. *Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual, 1918-1968; bibliografia anotada*. Natal: Fundação José Augusto, 1970.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas*. São Paulo, Olho d'Água, s.d.

VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e missão - o movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.

PROVÍNCIA 2. Natal: Fundação José Augusto/Gráfica Malibu, 1969.

²⁸ Ver VILHENA, Luis Rodolfo. *Projeto e Missão - o movimento folclórico brasileiro 1947-1964*. Rio de Janeiro: Funarte/ Fundação Getúlio Vargas, 1997.